

VICENTE LICÍNIO CARDOSO

SINGULAR, a individualidade do engenheiro, que deixou de exercer a profissão para examinar com rara sagacidade problemas desprovidos de interesse imediato.

Filho do Dr. LICÍNIO ATANÁSIO CARDOSO, professor de Mecânica Racional na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, que também exercia a clínica homeopática, e de D. MARIA CRISTINA DE OLIVEIRA CARDOSO, VICENTE nasceu a 3 de agosto de 1889, na capital do Império, que, meses depois, sossobrarria, substituído pelo regime republicano, a 15 de novembro.

De princípio, não revelaria faculdades intelectuais acima da mediana. Mas, assim que iniciou os estudos secundários, provou que poderia emparceirar-se aos melhores alunos.

Ao terminar o curso de engenharia civil, em 1912, o "prêmio de viagem" que lhe coube, juntamente com a medalha Morsing, valeu por significativo atestado de quanto se transformara o julgamento dos professores a seu respeito.

Diplomado, entregou-se à prática da engenharia, no ramo das construções civis, em que se especializara. Apenas permaneceu à testa da empresa que organizou, até 1921, quando já se orientara por outros rumos, patentes na tese: "Filosofia da arte".

Abereado dos ensinamentos de AUGUSTO COMTE, inspiradores da atuação pedagógica paterna, comprazia-se na interpretação das idéias dos mais eminentes pensadores. De ARISTÓTELES, o dominador do pensamento helênico, a SPENCER, o grave animador do evolucionismo; de LEONARDO DA VINCI, o artista enciclopédico da Renascença, a RENAN, mestre do estilo atraente e do ceticismo; de LUTERO, o frade rebelado ao padre JÚLIO MARIA, fervoroso apóstolo da religião abraçada na madureza, tôdas as formas de superioridade lhe atraíam a curiosidade mental.

E de cada uma extraía a seiva exuberante dos seus próprios pensamentos.

Guardara, dos gregos, a recomendação, que lhe aprovou atualizar: "antes de tudo, procura afirmar com clareza o que tiveres compreendido sobre as cousas do mundo e procura, em seguida, dizer com sinceridade o que pretenderes explicar aos outros". Todo seu esforço tenderia à simplicidade, que "é sempre o melhor refletor da verdade".

Não a alcançou, todavia, de princípio, ao divulgar as primeiras tentativas, ainda expressas em linguagem destoante do que aprendera com DIÓGENES DE APOLÔNIA. Rápida e, porém, foi-lhe melhorando a roupagem literária, à medida que se lhe concentrava a observação nos problemas brasileiros e, mais amplamente, nos americanos. A Geografia começou, então, a empolgar-lhe o espírito sagaz. E os ensaios que a propósito elaborou trazem-lhe a marca da peregrina inteligência, que excelente cultura realçou. Não se limitou a recolher depoimentos, ainda que de testemunhas sobranceiras a qualquer suspeição. Queria observar pessoalmente, quanto possível, os fatos que pretendia interpretar. Com tal intuito, ciente da bibliografia respectiva, tomou, em Pirapora, uma das embarcações que transitam pelo São Francisco.

Viajou, de atenção desperta e ao cabo, preparou a monografia: O Rio São Francisco — Base Física da Unidade do Império.

E ao explicar-lhe o título, acentuou: "insisto sobre a função histórico-geográfica do São Francisco, porque aquela união interior tecida pelo grande rio foi a base primeira que permitiu posteriormente, ao sul e ao norte, a dilatação de uma unidade política dentro do Império, desde as campinas riograndenses até ao tremedal imenso e formidável do Amazonas". Para melhor fortalecer a argumentação, que pretendia desenvolver, apontou, de início, a "diversidade, condição segura e saliente da complexidade de nossos sistemas hidrográficos".

E minudenciou, com firmeza de traços. "Ao sul, aquela anomalia interessantíssima do Tieté e Paranapanema, correndo para dentro da terra, de costas voltadas para o mar, e convidando o homem para a vida sertaneja, como, primeiro que outros, observou TEODORO SAMPAIO, ao explicar o destemor com que os paulistas fecundaram com as suas coragens a virgindade dos sertões".

Em contraste, "ao norte, o tremedal imenso, a última página ainda a escrever do gênese, como opinou EUCLIDES ao defrontá-la, de onde traria aquela descrição viva e soberba do Purus, como rio em plena infância, e do vultoso Amazonas na luta veementíssima contra a própria terra das margens baixíssimas de continuo assoladas".

Diversamente, "continua ainda a mutação do vasto quadro. Passam ao extremo oposto as condições do sistema hidrográfico nordestino, depois da zona de transição, por si mesmo interessante, das terras do Maranhão.

Água de mais no tremedal, transformando terras baixas em mares temporários de água doce.

Água de menos nos sertões semi-áridos do Nordeste, em que o declive farto do solo acelera o desequilíbrio da distribuição anual mal regada".

Com suas peculiaridades — "o rio São Francisco, isoladamente, já é por si um rio originalíssimo e complexo.

Primeiro, a direção esdrúxula de que é exemplo a sua mutação inesperada, pelo vigor com que infiletem as águas para a costa, depois de percorrerem várias léguas num rumo seguro que lhe era próximamente paralelo.

Ainda o perfil, convém notar, fundindo em seu tipo todos os tipos comuns dos rios.

Em seguida, a transição entre o rio do planalto (plenamente navegável de Pirapora a Sobradinho) e entre o agitado do alto São Francisco, dum lado, e o encachoeiramento perigoso, preparando, de longe, a queda formidável de Paulo Afonso, de outro lado, constituiu, seguramente, fato notável".

"E, mais do que tudo isso, assombra a diversidade de aspectos do vale respeitável, na transição violenta com que se sucedem as zonas de diferenciação tão vigorosa". E para ceterar com outros rios calibrosos, acentuou: contrastes desses não possui nem o Mississippi, apesar da extensão e direção do curso que lhe diferencia os climas entre a foz e as nascentes; nem o Danúbio despenhando inicialmente dos Alpes, mas estabilizado depois numa corrente suave em que descansam suas águas amareladas, tão diversas do tom azul de seus primeiros formadores altos; nem o Amazonas, apesar da transição andina, suavemente lenta em grande parte; e ainda menos o Nilo, na homogeneidade com que vivifica as margens apertadíssimas de dois desertos lagos".

Esboçando, em traços incisivos, o paralelo, entrou a analisar, mais em particular, o fenómeno que pretendia interpretar.

Em defesa da tese exposta, arrojou adequada argumentação que lhe evidenciava o conhecimento cabal de quanto escreveram naturalistas e geógrafos e historiadores, a respeito da via fluvial, que lhe proporcionou proveitosa viagem de observação.

Sempre que enfrentava alguma questão referente a assuntos distantes de seus olhos, não se contentaria em conhecê-los apenas pela vista alheia, ainda que douta.

Forçava por obter impressão pessoal como ocorrera acêrca do rio São Francisco.

Nas viagens que empreendia freqüentemente, não dissimulava o prazer que lhe causavam.

"Viajou e viajou muito", sintetiza CASTILHOS GOYCOCHÊA, ao dedicar-lhe excelente ensaio embebido de inequívoca simpatia. Tanto navegou pelo Atlântico, costeando o litoral sulamericano, ou em travessia pelo mar afora, como pelo Pacífico.

Conheceu o estuário platino e o estreito de Magalhães, assim como as elevações andinas, onde visitou as ruínas dos templos dos Incas.

Varou a Alemanha, como igualmente a Austria, a Hungria, a Suíça, a França, a Bélgica, a Inglaterra.

De outra feita, com a vista alerta, para a observação arguta, percorreu a América do Norte, onde colheu ensinamentos orientadores da sua atuação profissional.

Quando cuidou de arquetivar a contribuição científica de COLOMBO, exaltada por uns, contestada por outros, foi especialmente a Nuremberg.

Queria examinar pessoalmente "o primeiro globo terrestre construído pela civilização européia em 1492", da autoria de MARTIM BEHAIM, cosmógrafo alemão, que na década anterior estancara em Portugal, e participara dos empreendimentos marítimos lusitanos. Firmou, então, conceitos enaltecedores da atuação do descobridor da América, em O Globo de Nuremberg e o gênio de Colombo. Dos Descobrimentos americanos pelos portugueses anteriores à viagem de P. A. Cabral e Os três Colombos".

Explanou, a propósito, os temas de sua predileção, no tocante à História e Geografia, que lhe atestam o saber adquirido em tais assuntos.

Como fôsse ilimitada a sua curiosidade, aceitou, alvoroçado, o convite para atravessar os ares atlânticos no dirigível, que realizou a primeira viagem aérea de Friederichshaven ao Rio de Janeiro.

E apenas ultimada a peregrinação, com a segurança das previsões do conde ZEPPELIN, que ideou o gigantesco aparelho, apressou-se, por maio de 1930, em dar conta aos patricios das conseqüências a seu ver mais interessantes para o Brasil.

Afigurava-se-lhe fadado o país, mais que outro qualquer, à expansão do mais moderno meio de transporte, através dos ares, sobre os continentes ou por cima dos oceanos.

Havia, aliás, como que predestinação do seu povo para bem compreender os fundamentos das esperanças despertadas pela possibilidade de transporte pelos ares.

Não foi sem razão que um brasileiro — o padre Voador (BARTOLOMEU DE GUSMÃO), — maravilhou a corte portuguesa, perante a qual demonstrou, na primeira década do século XVIII, a praticabilidade de seu invento, prejudicado, na ocasião, pelo atraso de meios mecânicos de execução.

Nem seria por acaso que outro brasileiro — SANTOS DUMONT — no limiar do século XX, deslumbrou a capital francesa, ao vencer a prova da dirigibilidade dos balões, e iniciar, pouco depois, o vôo com aparelhos mais pesados que o ar.

E entre um e outro, o Brasil contou avultado número de pioneiros — mártires da aviação, em que se alistaram parlamentares, jornalistas, comerciantes e representantes de várias classes sociais. Emulavam-se de ardor inventivo, que não lhes evitou o sacrifício da maioria.

Aliás, com esta fervorosa dedicação, atendiam às solicitações da terra imensa, e instintivamente sentiam a conveniência de facilitar-lhe a articulação das paragens distantes por meio da ligação aérea.

De mais a mais, a ponta nordestina, que avança para leste, indica a faixa mais conveniente para o salto por cima do Atlântico meridional.

A última guerra, ao intensificar os serviços de transporte, de Natal a aeroportos na costa africana confirmou cabalmente as previsões de VICENTE LICÍNIO CARDOSO, que, entretanto, não alcançou. Emudecido, por decisão própria, a 10 de junho de 1931, achava-se em plena madureza mental, quando resolveu deixar a vida, que se lhe afigurava inútil, não obstante vitorioso nos vários ramos de atividades a que se devotou.

Tanto primou na cátedra, conquistada mediante concurso na Escola Politécnica, atual Escola Nacional de Engenharia, onde se formara, como por igual, na tribuna de conferencista, a que mais de uma vez assomou, para atender às instâncias da assistência.

Também recorreu ao periodismo, para transmitir a maior número de leitores as conclusões de suas pesquisas, de ordem filosófica, sociológica, histórica ou geográfica. Com os artigos avulsos, enfeixados mais tarde em volumes, apresentou à publicidade os Pensamentos Brasileiros, Vultos e Idéias, Figuras e Conceitos, Afirmações e Comentários, além da Filosofia da Arte e à Margem das Arquiteturas Grega e Romana, que revelam mais acentuada unidade de composição.

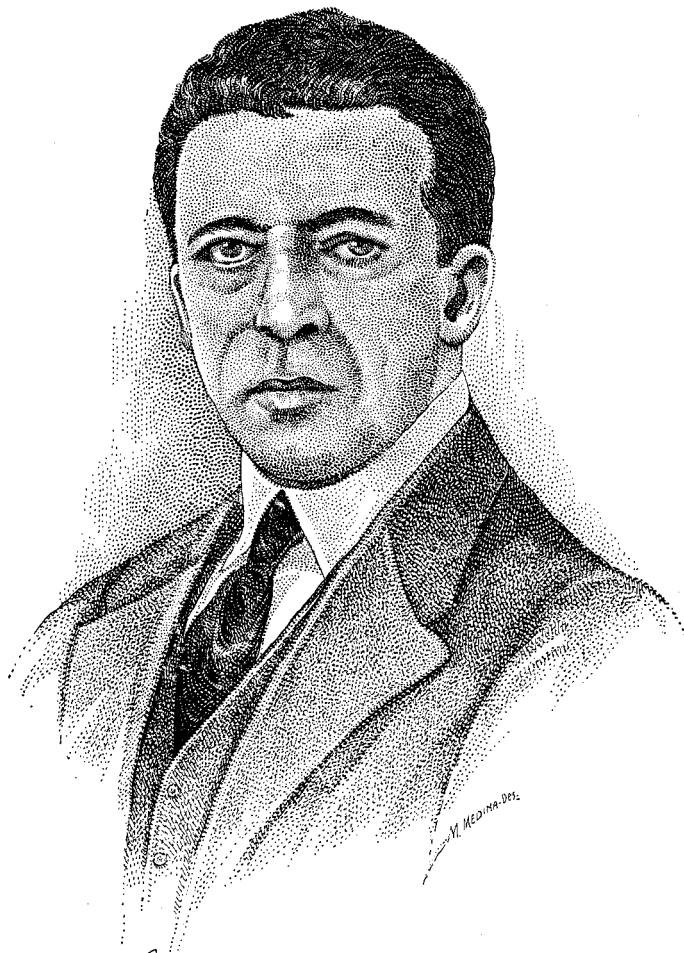
Todavia, embora desarticulada em capítulos dispersos, entre os quais se incluem vários de título expressivo, como Da Geografia como fator da unificação nacional, em sua obra de publicista espelha-se cultura superior, de quem se deleitava no convívio intelectual dos maiores mestres da civilização ocidental.

Especialmente, quando de seus ensinamentos lhe fôsse dado colher alguma conclusão aplicável ao Brasil.

Assim inspirado, era natural que versasse mais de uma vez assuntos geográficos, explanados a preceito, com a mesma agudeza intelectual, que lhe antecedia os demais ensaios.

Não obstante fragmentária, a sua contribuição para os estudos desta especialidade granjeou-lhe o direito de figurar na galeria dos sabedores da Geografia.

VIRGILIO CORRÊA FILHO



Lieute Rícini Cardoso